

VÍTIMAS DA LUZ

A Vingança Além da Fé



VÍTIMAS DA LUZ

A Vingança Além da Fé

Ivenio Hermes

VÍTIMAS DA LUZ

A Vingança Além da Fé

Edição Especial

2013

Copyright © 1999/2013 by Ivenio Hermes
Todos os direitos desta edição reservados ao autor

Capa
Aramis Fraino

Imagem de Capa
Aramis Fraino

Revisão
Sáskia Sandrinelli

Editoração
Sáskia Sandrinelli
Ivenio Hermes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hermes, Ivenio
Vítimas da luz : a vingança além da fé / Ivenio
Hermes. – 3 ed. -- Natal : Ed. do Autor, 2013.

1. Ficção policial e de mistério 2. Romance
brasileiro I. Título.

13-05021

CDD - 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura
brasileira 869.93

SUMÁRIO

PRÓLOGO	7
O ASSASSINO DA FLOR	14
O FILHO DA LUZ.....	179
ELEGIA.....	347
BIOGRAFIA.....	350

Dedico esta obra ao meu Grande Deus, cuja fortaleza me sustém todos os dias de minha vida, e que esteve comigo em situações boas e não me deixou nas ruínas.

Ao meu pai Ivenio, o maior de todos, do qual herdei o nome e muitas outras coisas. (In memoriam).

A minha amiga Patricia Vanicky, que datilografou a edição original e sempre me incentivou a escrever, lendo e participando de tudo, e que, além disso, me presenteou com dois filhos maravilhosos.

A Nazaré Hermes, que revisou a primeira edição.

A Sáskia Sandrinelli, que se tornou a revisora dessa edição, cujo apoio e carinho têm sido fundamentais.

PRÓLOGO

Luís Polaro estava mais pensativo naquela noite do que nas outras. Era a solidão. Mas e daí? Fora opção dele mesmo aquela vida longe de amigos íntimos e outros tipos de amizade que o fizesse sentir-se unido a outros seres humanos que fossem mais fortes do que os casuais.

Algumas vezes pensava no que o fizera tomar aquela atitude, mas seu subconsciente afastava subitamente essa ideia, numa vã tentativa de afugentar lembranças que mais tarde, covardemente, povoariam sua mente.

Olhou pela janela de sua quitinete, a chuva já cessava quase que totalmente, só alguns respingos ainda insistiam em molhar a rua lá fora. Puxou uma poltrona para perto da janela e apanhou seu livro de cabeceira daqueles últimos dias, já o estava lendo há uma semana e meia e vez por outra se perdia sem saber o que havia lido, mas como gostava muito de James Clavel, forçava-se a reler as páginas não assimiladas do grosso volume. Continuou fazendo isso ainda uns vinte e cinco minutos e finalmente cansou-se da estória.

“Em pleno Sábado à noite e eu aqui lendo!” - pensou, porém ir ao cinema às 22h40 seria impossível, e sendo essa sua única outra diversão costumeira, descartou a possibilidade de sair.

Lembrou-se do violão que há muito tempo não tocava. Levantou e apanhou o instrumento de uma das prateleiras da estante que separava o resto da quitinete daquele ambiente que Polaro costumava chamar de QST, que era a sigla formada pelas iniciais das palavras quarto, sala e terraço. Depois de limpo ele dedilhou as cordas tocando uma música antiga, a vida sempre lhe parecia melhor quando tocava alguma melodia em seu violão Gianinni.

Uma sonolência começou a tomar conta de seus olhos, aos poucos se ia deixando levar por ela, mas de súbito surgiu aquela violenta dor no estômago, seguindo-se logo de uma forte náusea que por certo o faria vomitar.

Soltou o instrumento ao lado da poltrona produzindo um baque oco com uma vibração desconexa das cordas. Ergueu-se com sacrifício.

Teria que chegar logo ao banheiro antes que sujasse toda a quitinete, cambaleou um pouco se sentindo bêbado com aquela reação de seu metabolismo.

“Oh meu Deus - pensou - isso não pode acontecer de novo, não pode!”

Tudo ao seu redor girava, as paredes pareciam se deslocar em movimentos circulares da esquerda para a direita, o suor escorria frio pelo pescoço e peito, os dizeres “maior abandonado” escritos em sua camiseta agora pareciam escritos em seu próprio peito ao qual a camisa aderiu.

A rotação das paredes aumentou e Polaro sentiu o chão vir em sua direção a toda velocidade. Bateu a cabeça no chão acarpetado dolorosamente. Já estava perdendo os sentidos, alguma imagem formava-se em seu cérebro.

Sábado à noite era o pior expediente que havia para trabalhar na opinião de Diana Stegron. A seção de cosméticos sempre estava cheia, quando a loja fechava às 22h00 ainda existia aqueles clientes teimosos que insistiam em permanecer na tentativa de comprar mais alguma coisa. Entretanto, no máximo quinze minutos depois não havia mais ninguém a não ser os próprios empregados.

Diana apanhou sua bolsa, foi até ao último andar bater o ponto indo em seguida pegar um dinheiro com Amelina, que lhe havia trocado um cheque na contabilidade. Avistou a amiga descendo a escada logo acima.

- Aqui está seu dinheiro, gastadora! - brincou a amiga ao ver Diana.

- Gastadora, eu? Imagine se me sobra algum tempo para jogar dinheiro fora. Isso - disse mostrando as duas notas de dez novinhas que Amelina acabara de lhe entregar

- É para pagar contas e mais contas e comprar umas coisinhas necessárias para me manter elegante.

- É, esse salário não dá pra nada, temos até que fazer outros trabalhos por fora.

As duas riram meio desgostosas, caminharam juntas até a estação do metrô que estava abarrotada de pessoas. O trem parou com um leve ruído de freios. Diana e Amelina entraram sentando-se nos dois lugares que estavam vagos de costa para a janela.

Conversavam animadamente sobre rapazes, uns moços bonitos foram admitidos para a seção de roupas masculinas e todas as moças da loja falavam neles, Diana e Amelina não eram exceções.

Despediram-se em uma das estações, pois Amelina ainda morava em outro ponto mais adiante.

A chuva que caía no comércio onde trabalhava não se fizera presente ali em Manhattan.

Diana atravessou a avenida passando pela frente de uma banca de revistas que um homem de idade já começava a fechar. Um garoto magro sentado na calçada com a costa no hidrante assoviou e disse algumas palavras que Diana não conseguiu entender.

O frio estava mais forte, o ar já se condensava quando ela expirava formando aquela nuvem de vapor que rapidamente se dissipava.

Continuou tranquila sua caminhada de dois quarteirões até sua casa.

Já fazia um ano e dois meses que Diana percorria esse trecho todos os dias, no entanto naquela noite a rua parecia mais

escura do que normalmente. Diana sentia-se receosa, mas caminhava resoluta para o edifício aonde morava.

Um chuveiro passou a precipitar-se sobre a rua, a moça levantou a gola do agasalho para se proteger do vento frio cortante e incômodo em seu pescoço.

Mal iniciara a parte mais solitária do caminho quando percebeu que alguém andava depressa atrás dela. Sentiu todos os pelos do corpo eriçarem-se num arrepio que pareceu aumentar o frio que experimentava. A entrada do prédio achava-se a menos de vinte metros, escura e desguarnecida. O vulto atrás dela parecia apressar mais ainda seus passos e ela, como que por instinto, aumentou sua velocidade, mais um pouco e estaria correndo.

Conhecia suas chaves muito bem, a preta abria o hall do prédio e a niquelada a de seu apartamento. Parou à entrada enfiando a mão no bolso do agasalho e retirando as chaves apressadamente. O estalido da lingueta da fechadura fez-se ouvir quando a porta abria, entrou virando-se para trancá-la. O hall estava escuro, a porta não se fechava, algo a impedia, forçou-a e viu uma mão enluvada adentrar pelo espaço existente entre ela e o batente.

O pânico subiu-lhe à cabeça na forma de um calor que embaçou ligeiramente sua visão.

Correu escada acima.

Seu ouvido podia captar os passos de alguém subindo a escada.

Parada em frente à porta de seu apartamento tentava colocar a chave na fechadura que parecia não possuir mais aquele orifício. Abriu-a! Mas novamente não pode fechá-la. Seus olhos baixaram inexplicavelmente até ao chão onde viu o sapato preto bem engraxado impedindo sua tentativa de fechar a porta.

Um empurrão violento dado pelo estranho jogou-a longe. Pensou que fosse desmaiar, mas isso não aconteceu.

Abriu os olhos. As luzes da rua entravam pela janela iluminando parcialmente a figura sinistra que observava.

- Olá - disse o estranho. Sua voz era gutural.
- Quem é você? - perguntou ela nervosa. Tremia.
- Não importa - respondeu.

Levantou-se sem tirar os olhos do homem e sentando-se no sofá aonde caíra.

O estranho fechou a porta com relativa naturalidade. Sentou-se na frente dela, em outro sofá. Retirou um objeto de dentro da jaqueta negra de motoqueiro que usava. Era uma faca.

A garota fez o possível para conter seu susto, porém ainda assim deixou escapar um discreto gemido.

- O que quer de mim? - perguntou ela.

O homem permaneceu em silêncio por algum tempo, o que para Diana pareceu uma eternidade.

- Você é a primeira - disse por fim.
- O quê?
- Não precisa se assustar, eu não vou fazer nada demais.

Ligue o abajur. - Indicou com a faca o objeto ao lado dela.

Ela obedeceu.

Silêncio.

- Agora - prosseguiu o sujeito vestido de motoqueiro - Tire a roupa.

Diana sentiu medo. Muito medo. Imaginou que seria melhor colaborar com ele para que não a machucasse.

- Calma - disse ao vê-la despir-se apressadamente - temos o resto da noite!

A última peça de roupa foi tirada. O corpo de vinte e nove anos de idade da moça parecia mais belo ainda com o bronzeado que a luz amarelada do abajur lhe emprestava.

Ele a mandou deitar no chão sobre o tapete perto do sofá e deitou-se sobre ela.

O medo era forte demais para que Diana Stegron pudesse esboçar qualquer reação contrária à vontade do estranho. Ele gemia sobre ela e ela sob ele, deitada de bruços, sentia dores em silêncio.

Em alguns momentos ela abria os olhos, com o lado esquerdo do rosto encostado no chão, via a mão direita do estuprador segurando a faca.

Ele acabou.

Sentou-se sobre ela numa posição que parecia estar de joelhos e disse:

- Sinto muito, mas você agora precisa dormir.

Os cabelos dela foram puxados com força para trás esticando seu pescoço ao máximo.

Ela sentiu algo frio roçar-lhe o pescoço e perdeu as forças. Sentiu longe o homem levantar-se e fechou os olhos.

Polaro tentava se erguer, as imagens sumiram de sua cabeça e seu rosto possuía a expressão de espanto mais incrível que ele pudesse conhecer.

“Aconteceu de novo.” - pensou.

Viu o homem estuprando e matando aquela mulher, como viu acontecer com as outras desde há dois meses e sem poder fazer nada!

Foi até ao banheiro, olhou-se no espelho sobre o lavatório, pálido como leite. Ligou a torneira e mergulhou a cabeça no jato de água fria. Aquilo o fez sentir-se melhor. Todas as sensações estranhas se foram, a tonteira, a ânsia de vômito, tudo!

As imagens voltaram à sua mente, e não desapareceriam, ele sabia.

Dirigiu-se até a mesa, escreveu tudo, anotando a data. Era a quarta morte que ele presenciava daquele modo, mas dessa vez fora diferente, ele podia sentir a urgência de uma decisão em seu íntimo, se ele podia ver aquelas coisas é porque ele precisava fazer

algo para impedir aquilo, pois se tentasse ficar indiferente por certo ficaria louco!

O ASSASSINO DA FLOR

1

Ron Wilson observava o corpo em meio de uma poça de sangue coagulado. Era segunda-feira de manhã, o corpo já exalava um odor desagradável. Ele pensava como eram banais os acontecimentos e formas que os levava até a um corpo assassinado.

Nesse caso o vizinho estranhou o fato de Diana Stegron, a vítima, não lhe abrir a porta ao tocar a campainha. Ele fazia isso todas as manhãs, exceto aos domingos, para lhe trazer o pão quentinho acabado de sair da fôrma. Dessa vez o Sr. Talbot não obteve resposta. Ao experimentar a porta, estava aberta, entrou deparando-se com a moça morta. Imediatamente ligou para a polícia.

Wilson estava trabalhando no caso, mas não foi o primeiro a chegar ali, seu colega Duncan chegou antes. Viu Wilson escurado no umbral da porta e foi em sua direção com aquela flor na mão.

O colega estendeu o objeto a Wilson que o apanhou observando-o.

- É o nosso homem? - perguntou a Duncan embora já soubesse qual seria a resposta.

Duncan confirmou com um movimento de cabeça.

Alguém demarcava com um giz molhado o local ao redor do corpo enquanto dois policiais uniformizados aguardavam para embalá-lo. O homem do giz terminou seu serviço e Wilson, aproximando-se, fez sinal para que os outros dois esperassem.

Era um caso normal, mas Wilson gostava de levar a fundo uma investigação, principalmente essa que já estava abalando a opinião da cidade acerca da competência da força policial, não que

fosse o primeiro caso de assassinatos em série, mas era o primeiro que caíra nas mãos dele e de seu colega, Duncan.

Examinou detidamente o corpo e afastou-se saindo do apartamento seguido de perto pelo amigo.

- Você está de carro, Josh? - indagou Wilson.

- Não, vim na viatura policial com os outros.

- Já tomou café?

- Não ainda.

Entraram juntos na Ferrari vermelha de Wilson.

- Tem um lugar aqui perto que tem hambúrgueres com café quente e forte, tá a fim?

- É claro, estou morrendo de fome!

Ron abriu o porta-luvas jogando em seguida a flor dentro. Deu a partida.

Permaneceram calados durante o percurso até a lanchonete.

Na fachada lisa havia o desenho de um hambúrguer fumegando em uma bandeja sobre os dizeres “Break Burger”.

Entraram. Linda Stacy, a garçonete, foi na direção deles para apanhar os pedidos, ao despachá-la resolveram retomar o assunto dos crimes.

Josh Duncan olhou para Wilson.

- O que você acha desses crimes, Ron?

- Eu sinceramente não sei o que achar, ele tem um certo método com características marcantes, entretanto as vítimas não possuem relação nenhuma entre si.

- Como não? - questionou seu colega - E o fato de todas elas morarem sós?

- Pode ser. Isso bem que facilita as coisas para o assassino, mas não deve ser esse bem o caso. Veja bem, cada uma das mortes foi praticada num padrão costumeiro, o estuprador segue a mulher, arromba sua casa ou apartamento, abusa dela e depois mata.

- Sim, isso não sugere que as mortas sejam seriadas?

- Mas eu não estou falando disso - disse calmamente Wilson - eu sei que elas são. No entanto são psicologicamente programadas demais para um estuprador comum. Esses indivíduos responsáveis por estupros com morte são instáveis e não escolhem vítimas estudadas dessa forma. Algo nisso tudo parece um tanto muito organizadas para se tratar de um estuprador comum, pois este é levado a atacar mulheres por impulsos sexuais exagerados.

- Você tem razão. - Concordou Duncan enquanto Linda servia os hambúrgueres. Não deixou de notar quando ela debruçou-se sobre a mesa deixando seu decote em um ângulo tal que o policial notou-lhe os bonitos seios.

“Que seios!” - pensou ele.

Ela se afastou com um rebolar natural que chamaria a atenção da maioria dos homens da lanchonete.

Aquela lanchonete, apesar de ainda cedo, estava razoavelmente cheia, a costureira nuvem branca de fumaça de cigarros que pairava sobre o balcão durante as noites, porém, ainda não existia. O proprietário deveria ser um perito na administração desse tipo de estabelecimento, durante parte do dia servia refeições, das 15h00 - 21h00 os empregados eram dispensados e alguns voltavam após este intervalo para trabalhar no período noturno onde o local se transformava num pub de 2ª categoria. Linda Stacy voltava para esse período.

Pegaram a conta saindo em seguida. Josh Duncan e Ron Wilson já trabalhavam juntos há pouco mais de dois anos, possuíam um método simples de trabalho, investigavam separadamente seguindo pistas que cada um ou os dois determinavam para depois juntarem seus achados, comparando-os em busca de uma conclusão.

Chegaram à delegacia às 10h00. A confusão de presos, prostitutas, delinquentes e toda sorte de perturbadores da ordem já

estavam sendo fichados, não que isso desse algum resultado, e até que às vezes dava, mas a burocracia teria que ser mantida.

Um pedaço de papel escrito com letras garrafais estava preso ao telefone da mesa de Wilson por um pedaço de fita adesiva. Os dois policiais leram ao mesmo tempo, entreolharam-se e caminharam até a uma porta toda em vidro com persianas de madeira por dentro. A plaqueta presa na maçaneta dizia para não entrar sem bater.

Bateram.

- Quem é? - gritou a voz grave do outro lado.

- Wilson e Duncan, senhor - disse o primeiro.

- Entrem!

Os dois entraram enquanto o obeso homem de camisa branca e gravata folgada indicava-lhes as cadeiras. Sua calvície começava na testa e ia até o centro da cabeça, seu bigode vasto quase lhe cobria o lábio superior.

- Vou direto ao assunto - explicou-se o chefe incisivo - quero esse assassino preso imediatamente!

- Estamos trabalhando duro, senhor! - disse Duncan.

- Eu não quero que trabalhem duro, quero que peguem esse miserável. Vocês sabem quem me acordou essa manhã?

Os dois balançaram a cabeça em negativa.

- O secretário do prefeito! Sabem o que ele disse? - antes que os policiais fizessem outro sinal de negativa, o chefe prosseguiu - que esses crimes podem prejudicar a campanha para a reeleição do prefeito que começa na próxima semana e que isso pode prejudicar também minha ascensão profissional. Não é mesmo um sacana esse secretário?

O chefe do Departamento de Homicídios pegou seu maço de John Player Special, retirou um cigarro, jogou o pacote para Wilson que o apanhou sem esforço retirando outro e passando para o colega que fez o mesmo, depositando o restante na mesa do

chefe, ao lado da placa onde se lia: Joseph H. Lieberman - Chefe de Homicídios. O mesmo processo se deu com o isqueiro.

Algumas baforadas depois, o chefe já calmo prosseguiu:

- Muito bem, rapazes - disse em tom elogioso - vocês são os nossos melhores agentes nesse tipo de caso e não escondo isso de ninguém, portanto confio em vocês - deu mais uma sugada no cigarro - então, ao trabalho, quero os dois se empenhando de corpo e alma até esse maníaco vir para atrás das grades, podem ir! Os policiais saíram da sala do chefe Lieberman. Ao passarem pela caixa de lixo Wilson apagou o cigarro na borda e o jogou dentro dizendo:

- Detesto a marca de cigarro do Lieberman!

Riram.

Wilson recebeu o laudo médico e o lera duas vezes. Realmente o último crime foi cometido como os outros três e o intervalo de tempo entre eles não era muito insinuador. O primeiro fora há dois meses com a vítima, Elizabeth Glenhardt morta em sua casa com a garganta cortada após ter sido estuprada. A segunda vítima, Louise Stilsen, morta da mesma forma, bem como a terceira, Margot Williams e por fim a quarta, Diana Stegron.

Ao que parece, o estuprador era calculista demais na opinião do policial Ron Wilson. Já se acostumara com a ideia de que um estuprador é motivado a cometer seus crimes por impulsos emocionais fortes demais para uma mente que planeja cada ataque a ser perpetrado.

Um caso estranho!

E mais estranho ainda é que o criminoso deixou pistas, ou melhor, indícios, que embora não signifiquem praticamente nada, denotavam a frieza de seus atos.

Cada crime era morbidamente assinado por uma flor de papel dobrado, aquela velha técnica japonesa de fazer brinquedos de papel. O papel utilizado para forrar a parte de dentro dos

maços de cigarro era o usado para criar a flor. Uma pista que não dava em nada.

Mas Wilson não podia descartar a ideia de que esse estuprador poderia ser esperto para só se deixar levar por seus impulsos quando as circunstâncias fossem favoráveis.

Perdido em pensamentos Ron não pode deixar de assustar-se quando o telefone em sua mesa tocou.

- Alô - disse pegando o aparelho antes do segundo toque.

- Oi, tratante, como vai?

- Lisa?

- Quem mais poderia ser?

- Oh, Lisa... Desculpe-me por sexta-feira, tive um problema aqui na homicídios e para completar recebemos mais uma vítima do estuprador de presente hoje pela manhã.

- Oh, céus! - disse entristecida - por falar nisso, verifiquei o que você me pediu, mas ainda não consegui nada!

- Tem certeza, Lisa?

- É claro que tenho, não sei nem porque ainda faço isso por você...

Antes que ela continuasse Ron interrompeu-a.

- Que tal sairmos quarta à noite. Jantamos, tomamos uns drinques e deixamos o resto por conta do álcool que estiver em nossos cérebros?

- Insinuante...

- O que me diz?

- Não sei, preciso ver minha agenda - brincou ela petulante

- tudo bem, acho que vai dar.

- Ok, te pego às 21h00, bom pra você?

- Mais ou menos, vou tentar.

Ela desligou e Ron constatou que era a primeira garota que conhecia que não dizia “até logo” ou “adeus” quando terminava uma conversa telefônica, simplesmente desligava.

Dessa vez não iria decepcioná-la.

Levantou-se sem saber aonde ir, por onde continuar aquela investigação, ou seja, praticamente por que iniciá-la. Algo, porém, era certo, ficar parado é que não podia talvez o ar das ruas trouxesse alguma luz à sua mente.

Josh Duncan imaginava como os repórteres conseguem as histórias pouco depois delas terem acontecido. Mal saíra do departamento de polícia, entrara no Plymouth cinza, que ganhara no último caso de sucesso que ele e Wilson resolveram, e o repórter do New York Daily, Phil Brouke, o abordara segurando a porta do carro.

- Olá, detetive Duncan, tem um tempinho pra mim? - disse com aquela voz chata de um adolescente num sujeito de vinte e oito anos de idade.

Como não adiantava dizer um não, preferiu falar logo com o rapaz e ver-se livre dele o mais rápido possível.

Duncan fizera quarenta e dois anos no último verão, orgulhava-se de sua forma física, ainda fazia musculação três vezes por semana na academia da polícia. Realmente ele e Wilson faziam uma dupla perfeita, em sua opinião, ambos em bom estado físico, quase a mesma idade e uma boa cabeça.

- E adianta dizer que não? - indagou o policial.

- Não!

- Então tenho.

- É sobre o ...

- Eu sei sobre o que é - cortou secamente - portanto diga logo o que quer saber.

- Já possui alguma pista concreta do esturprador ou quem ele é?

- Sim, mas não posso revelar isso ainda - mentiu - prejudicaria muito o andamento da investigação.

- E sobre o objeto que o esturprador deixa junto às suas vítimas, ouvi falar que é uma flor de papel...

- E é mesmo!
- Isso leva a algum lugar?
- Leva - disse já cansado da curta conversa.
- Onde?
- Onde estou indo agora, siga-me e verá - disse por fim dando partida no Plymouth e arrancando enquanto Brouke observava balançando a cabeça.

2

A voz da secretária se fez ouvir através do interfone, anunciando que o Sr. Luís Polaro estava esperando. Harry Hardrige apertou o botão dizendo para a jovem Esther Fawsworth que podia mandá-lo entrar.

A sala era simplesmente mobiliada, um divã e uma poltrona perto de uma janela com persianas de cima a baixo. Na outra parede alguns quadros, uma imitação de um artista famoso e dois verdadeiros de artistas que ainda não haviam alcançado grande notoriedade. Na parede oposta à porta de entrada havia uma poltrona de couro tingido de vermelho, uma mesa de escritório e outra poltrona igual por detrás da mesa.

Polaro não lembrava quantas vezes já estivera naquela sala desde que era um rapaz de dezoito anos, mas sentia-se bem nela.

- Como vai, Lucas? - perguntou o médico imediatamente.

- Oi, Harry - disse ao sentar-se na poltrona em frente à mesa, o médico ocupava a outra.

- Você me parece tenso.

- E estou - fez um curto silêncio, encarou Hardrige prossequindo - Harry... a visão voltou novamente, desta vez foi bem mais intensa que as outras, já estou imaginando que se continuarem a acontecer vou poder ver o assassino com clareza.

- Escute, Lucas - disse Hardrige - você pode não estar tendo essas visões...

- Eu estou!

- Como? Você nunca manifestou poderes paranormais antes e lhe conheço há pouco mais de duas décadas. Desde que você falou do caso eu tenho me preocupado, principalmente quando você descreveu a morte daquela moça, como era mesmo o nome dela?

- Margot Williams.

- Isso... mas baseado numa experiência vasta de pessoas que se dizem paranormais, cheguei a uma conclusão que pode se encaixar no seu caso.

Polaro sinalizou com a cabeça para que o médico continuasse.

- Para continuar, você tem que me entender Lucas, só quero o seu bem, é claro que você pode discordar perfeitamente de mim.

- Você sabe que não precisa ter me dito isso, todas as vezes que não concordo com você, mostro isso abertamente.

Harry Hardrige já possuía uns cinquenta e três anos de idade, mas o vigor físico que demonstrava era surpreendente, os cabelos sempre tingidos de castanho claro e uma pele cuidada o faziam parecer mais novo.

- Ok - continuou Hardrige - a minha explicação para o que está acontecendo é simples. Você sempre foi uma pessoa só, não tendo parentes, suas ligações afetivas foram muito diminuídas. As relações que você construiu na escola foram muito tênues, só na faculdade realmente conheceu alguém em que se fixou emocionalmente.

- Dá pra você pular esse ponto? - indagou Luís.

- Certo. A forma como terminou seu relacionamento foi marcante demais e gravou-se em seu subconsciente fazendo-o crer que os crimes que têm acontecido parecem terem sido assistidos por você.

- E como explica o fato de eu saber dos crimes antecipadamente?

- Você pensa que sabe só depois que você lê sobre eles nos jornais é que cria a consciência de que já os assistiu. É como quando estamos com alguém e em determinado lugar em que nunca estivemos antes e a situação nos parece inesperadamente familiar. Os espíritos até dizem que isso são resquícios de recordações de vidas passadas, a teoria de reencarnações sucessivas.

- Não acredito nisso em hipótese alguma - negou Polaro um pouco perturbado - creio que algo me deu esses poderes, talvez por eu possuir relações fortes demais com um caso semelhante.

- Você crê nisso?

- Não sei. Mas é uma explicação mais palpável que a sua.

- Você diz isso por que não é um espírito.

- E você, é?

- Não. Mas as teorias deles são muito boas, chego a acreditar em muitas delas.

- Estamos agora falando em teorias religiosas para explicar o que está acontecendo comigo - ironizou Luís - mas eu prefiro crer em Stephen King "A Hora da Zona Morta". O que aconteceu ativou minha mente para algo que estava latente, isso não pode ter surgido por acaso, e sim porque preciso ajudar a pegar esse assassino.

- E como você pretende fazer isso? - perguntou o médico com um sorriso conciliador.

- Não sei, preciso pensar - disse já levantando-se para sair. Foi até a porta e já tocava na maçaneta quando Hardrige o interrompeu:

- Já está pensando na possibilidade de voltar a morar em sua casa novamente?

- Harry, atualmente eu só penso numa coisa e você sabe qual é.

Bateu a porta atrás de si ao sair.

Polaro não se considerava alguém traumatizado, mas admitia que se não fosse a ajuda psicológica do doutor Harry Hardrige jamais teria superado a situação dolorosa pela qual passara.

Consultou seu Seiko de ouro e viu que já estava na hora de se preocupar em encontrar algum lugar aonde houvesse algo saudável e apetitoso para comer. Desceu as escadas do edifício luxuoso na Park Avenue onde ficava o consultório do médico, andou aleatoriamente pelas ruas até chegar ao local em que havia deixado seu carro estacionado.

Gostava da cidade nessa época do ano, o frio lhe fazia bem, aquela melancolia que o frio gerava trazia-lhe um bem estar imenso.

Duas quadras depois chegou até seu carro, o Monza Classic preto o esperava pacientemente. Instalou-se no automóvel abrindo o porta-luvas onde havia um maço de Carlton, os documentos do veículo, um revólver calibre 32, e era tudo. Já fazia uns dois meses que não fumava e os cigarros velhos e amassados possuíam uma aparência mais mortal ainda.

Pôs o carro em funcionamento, jogou os cigarros pela janela fechando-a a seguir.

Os ponteiros do Seiko já indicavam pouco mais das 15h30, ainda não parara para comer. Uma lanchonete chamou-lhe a atenção em uma esquina bem movimentada, não pelo que servia, mas pela banca de jornais e revistas que havia ao lado.

Deixou o veículo no acostamento indo até à banca. A manchete do jornal vespertino dizia:

NOVA VÍTIMA DO ESTUPRADOR DE MANHATTAN

Polaro não estava de forma alguma surpreso, porém não conteve o passo receoso que deu para trás ao ler a notícia.

Vestia um pulôver quadriculado de tricô estilo Oxford em tons pastéis de vermelho e bege, calça índigo jeans e um pesado sobretudo caqui. Vasculhou os bolsos à procura de uma moeda para adquirir o jornal, achou-a num dos bolsos internos do sobretudo.

Lia avidamente cada palavra contida na matéria. Se ele não havia se convencido de sua ideia acerca de seus poderes, agora era o momento para isso, cada linha da reportagem era uma confirmação de sua visão. É claro que o nome da moça, o endereço e outros dados, não tinha conhecimento.

Surpreendeu-se lendo ali mesmo de pé em frente à banca com a moeda na mão quando o rapaz que tomava conta largou seu exemplar do Homem-Aranha e estendeu-lhe a mão para receber o pagamento pelo jornal.

Os nomes dos policiais eram mencionados na reportagem, talvez os procurasse e contasse a eles sobre as visões. Afastou a ideia. Se os policiais não acreditassem nele poderiam até colocá-lo como um dos suspeitos.

Seria melhor não procurar a polícia.

Entrou na lanchonete decidido a comer algo.

3

A rua era pouco iluminada e os olhos de Duncan esforçavam-se para enxergar alguma coisa naquele beco ali adiante onde entraria. O beco Kirran, como era conhecido apenas por seus moradores, figuras do submundo e uns poucos policiais, era escondido numa rua pouco movimentada e de péssima reputação ali no Brooklin. Mas era num lugar assim que Josh podia encontrar o que ele desejava, procurou desde as 19h00 encontrando a informação certa pela boca de um trombadinha que lhe devia um favor.

- Ei, Furks - disse ele ao trombadinha após umas duas horas depois de iniciar a procura.

- Fale cara, dando uma por essas bandas a fim de sacar o cara que anda apagando as gatas com as gargantas cortadas depois de se aproveitar das bundinhas delas, falei?

- É isso aí, ferinha - disse Josh fazendo pouco caso - sabe de algo?

- Eu, hein, meu negócio é alisar riquinho e não ficar de olho em nego tarado.

O policial agarrou o rapaz negro pela frente do agasalho azul de mangas compridas que usava. Furks não demonstrou o menor sinal de medo, estava acostumado a apanhar ou bater em alguém nas ruas. Levou o cigarro à boca dizendo:

- Calma aí, do distintivo! Cê sabe que sou velho xará, e mesmo que não fosse, ainda te devo uma, é só pedir que eu digo, ok?

Josh olhou nos olhos de Furks.

- Certo, Furks. Desembuche!

À medida que o rapaz soltava a língua, o policial o soltava.

- Não sei quem é o cara, mas sei onde cê vai encontrar neguinho que tá por dentro das paradas.

- Quem é o cara e onde eu encontro ele?

Furks continuou:

- O nome do tal é Hodge, Ernest Hodge. É um maconheiro sacana que não dispensa uma branquinha também, mas que sabe das coisas.

- E daí?

- Daí que toda a galera do Brooklin tá sabendo que o sujeito conhece alguma coisa sobre o comedor de bundinhas.

- Onde eu acho o homem? - Duncan emprestava à voz um timbre diferente para intimidar o rapaz.

- No bar do Trucka, fica na...

- Eu sei onde é - interrompeu - mas se você estiver me sacaneando não vou mais livrar a tua cara.

- Pô, cara - disse Furks - Bola Negra é o apelido do tal Ernest Hodge porque o cara é o maior fera do Brooklin em sinuca, tá sabendo?

Sem responder o policial Duncan deixou o garoto Furks com seu cigarro.

Josh desceu a escada que levava até à porta do bar do Trucka, bateu duas vezes com força e duas fracas na porta de madeira maciça de cor cinza que logo foi aberta por um sujeito que poderia fazer papel de Urco, o chefe da guarda dos gorilas na série “O Planeta dos Macacos”. Apesar de seu um metro e oitenta e sete, Josh sentiu-se pequeno na frente do porteiro que o puxou pra dentro trancando a porta.

- O que você quer aqui, Duncan? - indagou pouco amistoso o porteiro.

- Você me conhece? Eu não te conheço.

- Quem não conhece a dupla de tiras quarentões que safaram a polícia de Nova Iorque ao pegarem José Molina Jr. o traficante boliviano?

- Ah, sim!

- Soube que ganharam uma recompensa por ele.

- Besteira - disse o policial - bem, se me dá licença, preciso ver alguém que marcou um encontro comigo aqui.

O gorila sentiu até vontade de impedir a entrada do policial que por certo não criaria caso, dez minutos depois, no entanto, voltaria com a metade da força policial para fazer a maior lavagem.

O ambiente não era dos piores antros a que Duncan estava acostumado a ir para obter informações.

Um porão enfumaçado com as paredes em alvenaria aparente sem reboco nenhum, cheio de gente de todos os tipos: punks, maconheiros e até alguns Yuppies disfarçados para não

serem depenados por alguma prostituta que também havia por ali. O balcão fazia uma curva em “L” que dava para uma parte que não era visível da entrada. Lá havia três mesas de sinuca, na parede o placar indicava que alguém com as iniciais “BN” ganhava com uma grande vantagem sobre o segundo colocado.

Apanhou uma dose de Jack Daniel’s no bar e assistiu ao jogo. Algum tempo depois o punk apelidado de Bola Negra despedia-se da partida com uma tacada certa. Recolheu o dinheiro das apostas e foi até ao balcão.

O policial aproximou-se dizendo:

- Quero ter uma conversa com você.

- Agora não posso - respondeu o sujeito de cabelo em pé sem olhar para quem o interpelava.

- Agora - insistiu Duncan - se não se importa.

O punk virou-se furiosamente para o policial.

- Quem você pensa que é... - não terminou a frase e Josh de olhos fixos nos movimentos do outro, perguntou se o sujeito o havia reconhecido também ou se temia a Smith & Wesson.⁴⁴ Special que ele exibia abrindo o lado esquerdo do paletó.

- Tudo bem, cara - corrigiu o punk - aqui ou lá fora?

- Lá fora - disse Josh engolindo de um só gole o restante da bebida.

Do lado de fora os dois escoraram-se na parede. Josh ficou de frente para Bola Negra segurando-lhe a jaqueta com a mão esquerda enquanto na outra a arma brilhava sob a escassa luz que vinha da rua.

- Que cê quer? - questionou Bola Negra.

- Ouvir tudo que você sabe sobre o estuprador.

- Ei... cara, eu...

- Não adianta dizer que não sabe, eu sei que você sabe de alguma coisa.

O sujeito permaneceu um pouco em silêncio. Então resolveu falar.

- Não sei quem é o cara, juro! Mas sei algo referente a ele pode ser que eu esteja errado, eu...

- Fala logo!

- As minas mortas, elas tem algo em comum que o estuprador gosta. Cê já ouviu falar nesses filmes pornô de segunda categoria que se faz para exibir em motéis, pois é, duas das minas mortas já trabalharam em filmes desse tipo, uma pontinha ou outra para ajudar no orçamento, cê entende, né?

- Quais garotas?

- Bem, uma delas chama-se Louise Stilsen e a outra Margot Williams, é claro que não é esse o nome que aparece nas fitas de vídeo e sim um nome artístico que elas dão para fazer o cadastro.

- Que cadastro?

- É uma lista com o nome das atrizes e o endereço para contatos posteriores.

- Que mais?

- Não sei... quer dizer, não sei se o fato é interessante.

- Deixe que eu diga o que é interessante e o que não é, ok?
Apenas fale.

- As outras duas moças, eu não tenho certeza mas parece... que as outras já fizeram filmes também!

Josh Duncan tentava imaginar o que aquilo poderia significar, ia perguntar ao sujeito aonde poderia encontrar as fitas quando ouviu um estalo atrás de si, abaixando-se instintivamente e o punk imitando-o.

A bala atingiu a parede arrancando lascas da alvenaria. Os dois jogaram-se ao solo rolando rapidamente para trás de umas latas de lixo abarrotadas de entulho. Mais alguns disparos se sucederam, o policial divisou alguém atrás de um pilar atirando naquela direção.

Bola Negra se encontrava bem ao lado do investigador da polícia com um pequeno canivete na mão. Duncan encarou-o.

- Calma cara - disse a Duncan - isso não é para usar em você e sim no babaca que tá querendo nos transformar em peneira.

Mais alguns disparos.

- Onde eu posso encontrar a lista com o nome das moças do vídeo? - inquiriu Duncan.

Bola Negra fitou-o pensando em como o sujeito ainda pensava naquilo quando alguém tentava matá-los.

- Na Sex Star Produções...

Uma rajada de balas vinda de uma possante metralhadora cortou o ar acima da cabeça deles.

- Meu pai, cara! - disse Bola Negra - Esses caras não tão brincando.

Antes que Josh pudesse segurá-lo, o punk corria na direção da entrada do bar, o homem que estava atrás do pilar saiu de sua proteção com uma pistola na mão disparando três vezes no fugitivo.

Duncan levantou-se atirando no assassino que foi jogado para trás com o impacto dos projéteis que atingiram-lhe o peito.

Um carro preto de uma marca que Duncan não pode reconhecer parou na saída do beco e um outro homem, o da metralhadora, ou melhor, uma submetralhadora entrou nele já em arrancada.

O investigador correu até a saída com a arma na mão, protegendo-se como podia. O carro já havia desaparecido quando Josh lá chegou.

Aproximando-se do sujeito que alvejara, estava morto, a arma igual à sua estava a uns dois metros do braço esticado do assassino, um gesto que parecia indicar a localização dela.

Lembrou-se de Bola Negra.

Ele encontrava-se caído no patamar que iniciava a descida da escada que levava a entrada do bar. Dois tiros perfuraram-lhe o pescoço e um deles atingiu a coluna. Estava morto!

4

- Eu tinha planos de ficar em casa essa noite - dizia um policial uniformizado a outro quando Ron Wilson passou por eles caminhando até Josh Duncan que estava sentado no capô do Plymouth cinza conversando com alguém.

Ao aproximar-se mais dos dois, Ron reconheceu o rapaz com óculos da armação fina com duas lentes grossas, não conseguia imaginar como ele chegara lá antes dele.

- Olá Brouke, o que houve Josh? - Indagou Wilson acercando-se deles.

O amigo o encarou firme, parecia decepcionado, mas mantinha uma determinada compostura que os policiais mais experientes já estavam acostumados, evidentemente que Josh sentia-se culpado pela morte de Ernest Hodge, o Bola Negra, afinal a primeira vez que uma testemunha sua, morria com balas que se destinavam a ele teria que causar-lhe algum impacto.

Os olhos verdes de Duncan menearam referindo-se à presença indesejável do repórter. Brouke percebeu o que se passava, verificando que já não havia mais nada que lhe interessasse ali, despediu-se dos policiais, chamou o fotógrafo e afastou-se.

Phil Brouke entrou em seu Buick Riviera cor de vinho, acompanhado do fotógrafo sob os olhares inquiridores de Ron e Josh.

Foi Josh quem quebrou o silêncio:

- O que você acha dele? - perguntou com um sinal de cabeça indicando o caminho por onde o Buick de Brouke havia seguido.

- Acho um bom repórter. Fica em cima da polícia o tempo todo, principalmente em cima da gente, mas e daí, é o serviço dele.

E a prova mais concreta de que é bom é o carro que ele comprou depois da cobertura completa que fez sobre o caso Molina.

- Acho que dessa vez ele vai comprar mais outro carro.

- Por quê?

- Porque acabei de prometer a ele a cobertura do caso do estuprador, isto é, se conseguirmos resolvê-lo.

- A troco de quê fez isso, Josh? - indagou Ron sem ver nenhum motivo aparente para um acordo desse gênero entre eles e Brouke.

- Para que ele ficasse de boca fechada! - respondeu secamente. O abalo inicial notado por Wilson em seu companheiro já desaparecia.

- Escute Josh. Quer me contar logo o que houve aqui ou vou ter que dar uma de interrogador para você poder me dizer alguma coisa?

Duncan tirou o maço de Pall Mall de dentro do bolso, acendeu um cigarro e ofereceu a Wilson que recusou com um gesto de mão.

- Vim até aqui atrás de informações sobre o estuprador - iniciou - e consegui, só que no final apareceram uns sujeitos distribuindo balas, duas delas acabaram com meu contato, só que os caras queriam a mim.

- O que o faz pensar desse modo? - inquiriu curiosamente Wilson.

- Deixe-me contar os detalhes. - Duncan relatou sucintamente tudo que aconteceram naquela noite desde o encontro com Furks até ao tiroteio. - O cara que eu acertei - prosseguiu taciturno - é Esteban Moreno!

- Do caso Molina?

- É obvio, quem mais poderia ser? Não pode existir outro verme tão nojento no mundo e ainda com o mesmo nome.

- Então a vingança que eles prometeram era verdadeira... - disse de modo pensativo.

- Você alguma vez duvidou disso? - perguntou Josh.

- Não, nunca! Mas se passou sete meses, Josh. Molina acabou-se, não acreditava que um dos subchefes remanescentes ainda iria tentar matar um de nós.

- Dois dos subchefes remanescentes.

- Como é?

- É isso aí. O outro que fugiu parecia e tenho quase certeza de que era Estélio Cortez.

- Sacanas!

- Sacanas? Bem mais que isso, Ron. Agora além de nos preocuparmos em deter o estuprador ainda temos que ficar de olho aberto para não levarmos chumbo grosso do cão mais fiel de Molina.

Os dois investigadores ficaram pensativos observando a fumaça que saía de um condicionador de ar a gás em uma janela logo acima de onde estavam.

Ambos estavam em dificuldades, o caso dos assassinatos permanecia sem solução, eles ficavam loucos tentando achar peças para montar o difícil quebra-cabeça.

- Você sabe onde fica essa produtora de vídeos eróticos? - Wilson quebrou o silêncio.

- Não faço a mínima ideia - respondeu o outro meneando a cabeça.

- Quer continuar essa parte da investigação ou quer passar a bola pra mim?

- Fique com ela, Ron, faça-me esse favor!

- Ok.

Emudeceram novamente. Wilson consultou seu relógio de pulso, 01h45. Tentou dizer alguma coisa para o amigo e despedir-se, mas tudo que conseguiu dizer foram palavras totalmente inoportunas que só percebeu quando já as havia pronunciado.

- Está pensando em Carol?

Os olhos de Duncan quase se fecharam ao encarar Wilson.

- Por quê?

- Não sei. Desculpe-me.

- Por nada, não se importe - disse para aliviar o amigo - Estava mesmo pensando nela.

Jogou fora o que restava do cigarro. Ron estava calado.

- Ela não desiste, Ron. Acabou comigo pedindo o divórcio, e ainda quer acabar com o meu salário.

- Você ainda a ama, não é, Josh?

- Não... Escute Ron, somos muito amigos, mas não quero mais falar nesse assunto, nem com você e nem com ninguém mais no mundo. Se tudo der certo quinta-feira será a última audiência e me verei livre dela para sempre.

Apesar de suas palavras, Josh Duncan não estava tão convicto delas. Quando tudo estivesse terminado ele estaria definitivamente separado da mulher com a qual partilhara sete anos de sua vida e não estaria livre dela, todo mês lembraria ao ver a quantia descontada em seu contracheque, destinada à manutenção da criança de dois anos fruto único de seu casamento.

Os policiais despediram-se marcando um encontro para mais tarde às 10h00 no Bureau de Homicídios.

Ao contrário do que se costuma pensar, a vida de um policial não é marcada de encrencas, e quando ele investiga um caso, principalmente quando é assassinato, não fica recebendo uma porção de informações que vai juntando, cacos aqui, cacos acolá, até que finalmente consiga montar o terrível quebra-cuca e aponte o criminoso. Na verdade um policial fica dias sem receber pista alguma, sem saber onde está o nó que ajudaria a desatar o novelo todo.

Duncan e Wilson, se encontraram várias vezes ainda no dia da morte de Bola Negra, mas a nada chegaram em suas conclusões, nenhum fato novo foi acrescentado ao que já sabiam.

Pelo menos, pensavam eles, nenhuma vítima nova fora adicionada à lista do estuprador de Manhattan, que era como a imprensa batizara o criminoso e a mídia tratara de promovê-lo.

Quarta-feira à noite, Ron Wilson observava-se no espelho do banheiro do Departamento de Homicídios, um de seus melhores ternos o transformara de policial a executivo, mas isso só em sua mente, porque ele parecia tanto com um tira que nem adiantava disfarçar. O perfume Calvin Klein completou seu traje.

Chegou à casa de Lisa Chambers um pouco antes da hora combinada. Após meses lançando olhares furtivos a ela e vice-versa, eles finalmente saíam juntos.

Wilson levava as flores do buquê às costas, fizera isso antes com as outras mulheres, porém com essa era diferente. Por quê? Ele ainda não sabia.

O apartamento ficava no sétimo andar do South Coasts, um prédio de apartamentos, quatro por andar, com oito andares. O corredor, revestido com um material que Wilson não conhecia, produzia um ruído esquisito ao choque com o solado do sapato, desses que só se ouve em filmes de suspense.

Ron tocou a campainha do número 704 e esperou. Viu quando o ponto luminoso do olho mágico se escureceu para em seguida a porta abrir-se.

O policial surpreendeu-se.

Lisa Chambers não era mais nenhuma adolescente, porém deixaria qualquer garota no chinelo. Seus aproximadamente trinta e sete anos de idade tinham produzido nela uma beleza ímpar. Por um momento Wilson ficou apenas parado à porta observando sem nada dizer.

- Não vai entrar? - perguntou ela fazendo-o retornar à terra.

Ron então se lembrou das flores, avançando um passo entregou-lhe as vermelhas e cheirosas rosas.